

Sertões incultos e rios caudalosos: A desordem da natureza e os planos racionais nos roteiros de viagem do séc. XVIII

Autora: Maria Lucia Abaurre Gnerre

Instituição: Unicamp (Doutoranda em História Social)

Nesta apresentação, analisaremos os processos de constituição das imagens da natureza do norte do Brasil no texto do *Roteiro do Maranhão a Goyaz pela capitania do Piauí* - narrativa produzida por um viajante anônimo no fim do séc. XVIII. Trata-se de um documento no qual um autor anônimo demonstra uma grande eloquência argumentativa ao buscar convencer seus leitores da metrópole acerca da viabilidade de um plano de ocupação dos sertões entre os rios Tocantins e Parnaíba. Plano este, por ele desenvolvido, após uma viagem de dois meses, no fim do séc. XVIII.¹

O texto do *Roteiro do Maranhão* foi publicado em 1900 pela revista do IHGB e faz parte de uma série de publicações de escritos coloniais cuja edição se fazia necessária, naquele momento, para que os historiadores pudessem formar nossa história nacional². Segundo consta na última página do texto publicado em 1900, este teria sido copiado pelo Frei Vicente Salgado, em 1800, “bem e exactamente” como o texto do manuscrito, que fora encontrado na Secretaria dos Negócios Ultramarinos de Lisboa³.

Esta narrativa divide-se em duas partes: Na primeira o autor anônimo⁴ descreve detalhadamente todas as características de sua viagem, os locais de travessias dos rios, as

¹ É importante lembrar que, no século XVIII o termo sertão designava fundamentalmente um lugar desabitado, deserto. Assim, o sertão poderia ser composto por rios, florestas, caatingas ou serrados. O que caracterizava o sertão era o isolamento, o afastamento da civilização

² Capistrano de Abreu, que fazia parte do conselho editorial da Revista do IHGB foi o responsável pela publicação do texto. Vemos nas atas das reuniões do RIHGB publicadas na revista de 1900 a defesa, por parte deste historiador da publicação deste texto anônimo, encontrado nos arquivos da Academia de Ciências de Lisboa.

³ Esta cópia encontra-se hoje na Academia de Ciências de Lisboa.

⁴ Apesar de ter escrito sob anonimato, o autor do *Roteiro do Maranhão* deixa-nos no texto algumas pistas a respeito de si mesmo. A mais importante é que estava no Maranhão a serviço de sua Majestade, ou seja, era um funcionário da coroa. Pela periodização do texto, sabemos que provavelmente era D. Maria I, e os prováveis leitores de sua eloquente narrativa teria sido os funcionários da secretaria da Marinha e Ultramar. Pelo grau de conhecimento que este autor demonstrava ter da economia das colônias, acreditamos que o Maranhão não foi o seu primeiro destino a serviço da coroa.

povoações e léguas que se percorriam por cada etapa do percurso. Na segunda parte, o que vemos é um texto, onde o autor elabora um plano de aproveitamento, ou povoamento, deste trecho praticamente deserto da colônia. Aí ele desdobra todos seus recursos argumentativos e demonstra seus conhecimentos das teorias de economia política dos séculos XVII e XVIII. Centraremos nossa análise na primeira parte do referido texto, na qual o autor deixa clara sua preocupação em elaborar uma narrativa da natureza que se restringe aos interesses administrativos da coroa, e de futuros viajantes:

No Roteiro do Maranhão a Goyaz pela capitania do Piauí não só me propuz ajuntar aquellas noticias, que pudessem dar uma ideia circunstanciada do caminho, que elle dirige, mas me propuz também escrevelas debaixo do mesmo título, que me foi insimado.

Não faço nelle expressa menção de todos os sitios, Montes, vales, fontes rios e povoações; porque não se offerecendo em muitos destes objectos mais differença do que aquella com que em tudo se distingue a face da natureza, nada mais lhe acrescentaria que uma longa, e fastidiosa expressão de nomes, quaze todos barbaros e exquizitos.

Notei somente o quanto me pareceo necessário, para fazer conhecer o diverso Rumo que se deve seguir e a deversidade que há mais sensível no paiz, ou ella natural, ou civil. E para estes fins, separando o que respeitava o tempo, a direcção do caminho, ajuntei em notas a descripção de tudo o mais que podesse ser interessante.⁵

A natureza descrita pelo viajante é aquela que tem uma função para o caminho, como marcos que contam léguas percorridas, ou a natureza que tem uma função para o projeto de colonização que ele irá nos propor na segunda parte do Roteiro. Este processo de descrição é a tarefa fundamental do bom roteiro, é parte constitutiva do gênero em questão. Os roteiros do Norte do Brasil são representações de mundos novos, representações que contam com poucos antecedentes, e que por isso exigem de seus autores exercícios descritivos diferentes dos roteiros para as Minas Gerais por exemplo, que neste momento do séc. XVIII já contam com

⁵ *Roteiro do Maranhão a Goiaz pela capitania do Piauí.*, R.J., Revista IHGB, tomo 62. ano 1900 (p. 60)

uma tradição discursiva de mais de dois séculos. Os textos dos roteiros de Viagem, da forma como eles se constituem na Amazônia, caracterizam-se por pertencer a uma nova forma do gênero dos roteiros ⁶. Uma forma que emerge no século XVIII, que vai além da descrição do espaço percorrido, a qual praticamente se restringiam os roteiros do séc. XVI e XVII, como o *Roteiro da carreira das Índias*. Agora os roteiros buscam não só a descrição, a representação que duplica a imagem do percurso, mas sim uma análise capaz de capturar a essência das colônias, utilizando-se justamente de recursos destas novas ciências como a economia política. O surgimento deste modelo de roteiros está intimamente vinculado a nova *épisteme*⁷ das ciências que emerge no século XVIII.

Na verdade, o (re)conhecimento da natureza é parte integrante da política que o Marques de Pombal inaugura para o Brasil. O governo de Pombal, com seu notório apoio a elite intelectual portuguesa, atrai para o meio científico português o naturalista italiano Domenico Vandelli,⁸. Em Portugal, este naturalista escreve uma dissertação justamente sobre como relatar a *viagem filosófica*, um gênero que relaciona-se intimamente com o gênero dos Roteiros de Viagem no fim do XVIII. Em relação ao *Roteiro do Maranhão*, interessa-nos o fato de que Vandelli difundiu um ideário intelectual que relaciona as concepções de Lineu e Buffon acerca da natureza (os principais expoentes da história natural do século XVIII, que baseiam suas

⁶ Além do *Roteiro do Maranhão*, outros roteiros do norte do Brasil que destacamos como pertencente este mesmo gênero: *Roteiro da Viagem que o M. Exm. Sr. Martinho de Souza Albuquerque, governador e Capp. General deste estado determinou fazer em o mez de Janeiro de 1784*. Documento manuscrito que se encontra na coleção de reservados da Biblioteca nacional de Lisboa, e, também o próprio *Roteiro das Viagens que fez o dr Alexandre Rodrigues Ferreira no Brasil 1783-1792*, que descreve a longa expedição deste naturalista e contém tanto as descrições dos espécimes encontradas e suas utilidades para a metrópole, como também importantes planos para a colonização da região.

⁷ O termo grego *épisteme* significava, em geral o conhecimento de algo, e mais ainda, o conhecimento compartilhado de alguma coisa. A compreensão da *épisteme* na filosofia clássica passa também pela compreensão do termo *téchne*, pois estes termos estavam em constante correlação. A *épisteme* significa aqui, o discurso sobre as coisas, sobre seu modo de ser. E também a forma como se dá a transmissão do conhecimento das coisas em si.

⁸ A respeito deste empenho no conhecimento da natureza brasileira que emerge em Portugal no período pombalino, a Iara Lis Schiavinatto faz importantes considerações no artigo “Imagens do Brasil: Entre a natureza e a história” (. In JANCSÓ, István (org.). *Brasil: formação do Estado e da Nação*. São Paulo: Hucitec, Fapesp; Ijuí, RS: Unijuí, 2003, pp. 603-631 (Col. Estudos Históricos, v. 50). Com base nestas considerações elaboramos o presente parágrafo. Iara Lis ressalta ainda a participação de Vandelli na fundação da Academia de Ciências de Lisboa, um marco das ciências lusitanas, em 1779. Esta academia certamente passa a produzir importantes referências científicas e textuais que norteiam a produção dos roteiros no Brasil do século XVIII. Vandelli tem como seu principal discípulo Alexandre Rodrigues Ferreira, autor do roteiro citado na nota n. 6 do presente texto.

reflexões numa concepção da história natural como chave para compreensão e análise do mundo) com a doutrina econômica da escola francesa dos fisiocratas, que escrevem na metade do século XVIII. A concepção econômica dos fisiocratas concebe justamente a terra (em não o comércio, como se acreditava então) como base de toda a riqueza. Para autores como François Quesnay, o conhecimento do meio natural era fundamental para se conhecer os potenciais econômicos da terra⁹. Por isso, deve-se conhecer seus ciclos, saber como utiliza-la em favor do desenvolvimento das civilizações. Nesta passagem do *Roteiro do Maranhão* reconhecemos justamente este intuito: *O inverno, ou as chuvas que nunca vem sem horrorozas trovoadas e são ordinariamente de Leste, principiãõ no mez de Ouctubro, Novembro ou Dezembro, e acabam em Abril. Neste tempo que os Sertanejos só distinguem pelo tempo das aguas, é a Capitania do Piauhí fertilissima; o seu terreno todo aberto com largos campos, e povoado de dispersos arvoredos aparece em bem poucos dias coberto cobertos de folhas, de flores, e de fructos, fructos silvestres, com tal variedade na cor e tal deversidade na figura, que não só recreão a vista e o olfato; mas também o gosto daquelles, que com elles são creados, ou a elles se acostumão. No mez de Abril tanto soprão de Leste os ventos geraes, parão as aguas, e principia o tempo, a que chamão de seca, tempo, em que tudo se poem em decadencia.*¹⁰

Neste texto anônimo as descrições da natureza são elaboradas em sintonia com a lógica fisiocrata, em função de sua utilidade enquanto conhecimento que pode servir para a elaboração de políticas econômicas para a região. Identificar o tempo fértil e o tempo de seca, as épocas boas para as viagens, e para o plantio. Mas, independente da função pragmática destas descrições da natureza, o que vemos no *Roteiro do Maranhão* é justamente um processo de constituição de imagens da natureza, da paisagem de uma terra nova: A terra fértil,

⁹ Quesnay, que em 1758 publica a famosa *Tableau economique des Physiocrates*, conclui que as trocas por si só não gera riquezas. A terra sim seria a verdadeira fonte da riqueza, o grande provedor do mercados. É o bem mais valorizado pelos fisiocratas, pois quando trabalhada a terra fornece uma quantidade de produtos de subsistência de valor bem maior que o trabalho nela investido. Assim, para os fisiocratas, a terra é a base do processo de atribuição de valores, e é a terra que possibilita a circulação de produtos e valores através do excedente que ela gera em relação ao básico necessário para a subsistência do homem que a trabalha. Uma idéia nitidamente herdada de John Locke.

¹⁰ *Roteiro do Maranhão a Goiaz pela capitania do Piauhí.*, R.J., Revista IHGB, tomo 62. ano 1900 (p. 75)

coberta de campos verdes e arvoredos que geram belos frutos no tempo das águas, e que se converte em terra árida no tempo da seca. Uma descrição que serve para a constituição das imagens da paisagem brasileira para os leitores portugueses, a partir dos próprios referenciais imagéticos que estes leitores possuem, muitas vezes bem diferentes da paisagem que gerou tal descrição. A constituição da paisagem, é um processo cultural, humano. Segundo o historiador Simon Schama, *Paisagem é cultura antes de ser natureza; um construto da imaginação projetado sobre mata, água, rocha. (...) No entanto cabe também reconhecer que, quando uma determinada idéia de paisagem, um mito, uma visão, se forma num lugar concreto ela mistura categorias, torna as metáforas ais reais que seus referentes, torna-se parte do cenário*¹¹. Partindo desta concepção, acreditamos que grande parte destas descrições da natureza brasileira, são permeadas de imagens mentais que remetem a cultura de origem do viajante, que vê a paisagem através de suas metáforas. A descrição imagética dos rios, de suas curvas, dos caminhos, das montanhas, tem justamente esta função de mapear e inaugurar a paisagem, principalmente do interior do país, que no fim do século XVIII, permanecia inexplorado. O próprio autor anônimo nos dá a dimensão deste desconhecimento de tudo que não é a costa do Brasil: *E pelo que respeita ás outras cartas, que correm estampadas da nossa América não haverá quem ignore, que em passando das costas para o interior do Paiz, ou nada dizem ou são muito diferentes do que nelle se descobre.*¹²

O *Roteiro do Maranhão* participa da inauguração da descrição de uma vasta porção de terra, que é pouco descrita por mapas ou palavras. É um discurso que cria formas no imaginário dos homens do conselho ultramarino, que jamais passaram por tal caminho, ou mesmo na imaginação dos futuros viajantes que pretender repetir o percurso. É um texto que se insere nessa segunda grande leva de descobrimentos do século XVIII- o descobrimento dos rios do

¹¹ In: SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996. p.24

¹² *Roteiro do Maranhão a Goiás pela capitania do Piauí*, R.J., Revista IHGB, tomo 62. ano 1900 (p. 61)

norte do Brasil, que se desdobra após o tratado de Madrid (1750).¹³ Na verdade, muitas vezes trata-se de um redescobrimto, já que tais rios e percursos já foram feitos antes, porém por homens que não se preocuparam na sua descrição, e portanto permanecem no seu estado de natureza que ainda não se constituiu na paisagem da imaginação dos homens. Nesse processo de descobrimento do interior do país, os grandes rios navegáveis do norte do Brasil, e mesmo os rios de menor porte, adquirem uma importância fundamental. O rio sem dúvida é o elemento da natureza a partir do qual toda a paisagem do interior se constitui. A colonização do Brasil, como apontam Sergio Buarque de Hollanda em *Monções*, e Capistrano de Abreu, em *Capítulos de História Colonial* (entre outras obras), tem nos rios a grande veia de entrada para a terra inculta.

O rio, a estrada de água, é muito mais cômoda ao viajante português do que a estrada de terra. No descobrimento dos rios, ele podia exercer aquilo que seus mais ilustres antepassados haviam feito: navegar. Os portugueses, assim como muitas nações de índios, são povos que tem os mitos fundadores de sua cultura profundamente vinculados a água. A paisagem de sua cultura se constitui em torno da travessia da água.

O poeta Fernando Pessoa, no célebre *Mensagem*, inaugura uma interpretação de *Os Lusíadas* como mito de origem do Povo português. Se pensarmos a obra de Camões por esta perspectiva, vemos nas descrições dos rios (presentes nos roteiros de viagem) as características desta relação mítica da cultura portuguesa com as águas. Em *Os Lusíadas*, no diálogo de Vasco da Gama com o gigante Adamastor (representação mítica do cabo das tormentas), vemos uma ode a audácia do povo português, de ir onde ninguém antes foi, percorrer os mares nunca dantes navegados. Todo o 5º canto também faz referências a água

¹³ Em 1750 os monarcas de Portugal e Espanha assinam o tratado de Madrid que causa nos anos seguintes uma onda sem precedentes de expedições para a demarcação das fronteiras no norte do Brasil. Destas expedições participaria até o governador do Grão Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, chegando aos extremos de seus domínios, no alto Rio Negro, local certamente nunca antes visitado por uma autoridade de tamanha importância. Tanto o Tratado de Madrid, quanto o governo de Mendonça Furtado representam um marco na produção dos roteiros.

como grande força da natureza. Através da travessias das águas, os segredos da terra são revelados a este povo.

Os roteiros do fim do século XVIII, são escritos sobre estas camadas de mitos sobre a água. O viajante que segue o trajeto do rio, segue o trajeto de sua travessia rumo ao desconhecido, como a travessia dos grandes navegantes do século XV e XVI. Nesse sentido, podemos interpretar o trajeto em direção as cabeceiras do rios como o trajeto mítico rumo ao desconhecido. As cachoeiras, e outros acidentes naturais que o percurso de um rio pode impor são “adamastores fluviais”, grandes percalços que uma vez superados abrem as portas do conhecimento para o viajante.

O Roteiro do Maranhão assegura o conhecimento dos portugueses de todo o trajeto de alguns rios do Maranhão, de suas nascentes, e das nascentes do importante Tocantins. É fundamental neste a descrição do trajeto até a nascente, das cachoeiras e afluentes dos rios. A descrição representa o conhecimento, o domínio sobre o rio, em contraposição ao desconhecimento: *O rio itapecuru tem os seus principios a Sudeste no Sertão ainda inculto, e habitado por diversas nações de índios Silvestres, todas conhecidas com o nome geral de Timbira.*¹⁴

O Itapecuru, é um rio que corta o sertão do Maranhão em direção ao Brasil central. Navegável em boa parte de seu percurso (por canoas), é um rio que se relaciona com dois outros grandes rios – O Parnaíba e o Tocantins. Entre as terras destes três rios, segundo o autor anônimo forma-se um terreno fertilíssimo. O autor descreve em várias passagens a direção de suas cabeceiras, o povo que as habita, preocupa-se em demonstrar este conhecimento sobre a nascente. Mas, antes da nascente, o longo trajeto mítico, com a descrição dos mais importantes percalços que um rio pode oferecer: as cachoeiras. Tal é o grau de preocupação com a possibilidade de seu leitor formar as imagens mentais adequadas a sua experiência de viagem, que antes do viajante citar as cachoeiras de seu percurso, ele nos faz

¹⁴ *Roteiro do Maranhão a Goiaz pela capitania do Piauhí.*, R.J., Revista IHGB, tomo 62. ano 1900 (p. 63)

uma descrição do que são as cachoeiras: *Cachoeiras os ressaltos, e giros que impetuosamente forma a corrente dos rios, quando de repente se percipita da maior altura, ou acha resistencia com alguns penedos, e eminencias , que levantão do plano de seu leito, e lhe tirão a igualdade. Desta natureza são as cinco que se referem.*¹⁵

As cinco cachoeiras que o viajante menciona são minuciosamente descritas a seguir, e também são descritas as formas de supera-las, sendo algumas navegáveis e outras que obrigam o viajante a levar sua canoa, ou a carga pela margem. A bela descrição dos tipos de cachoeiras que vemos acima, dão ao leitor uma importante chave para pensar o significado do rio como um todo: as cachoeiras formam as torrentes, que impelem o rio a sua foz. A cachoeira dá velocidade ao rio, coloca o rio em movimento. E este movimento é o que faz o rio circular, ir em direção ao mar e voltar a sua nascente em forma de chuva. A cachoeira é uma espécie de coração que garante a pulsão ao rio, bombeia suas águas para sua circularidade continua. Dão movimento a paisagem da colônia, impulsionam a imaginação dos colonizadores. Rios são descritos como a aventura primordial, a grande travessia aquática para se formar uma cultura, uma nação – no caso dos portugueses, travessia oceânica, e no caso brasileiro, travessia fluvial. Os rios que servem no século XVIII a lógica imperial da metrópole, sem dúvida estão na fundação da identidade nacional do Brasil, no século XIX. Neste período, são publicados na revista do IHGB uma grande quantidade de Roteiros de viagens, principalmente aquáticos e percorridos no norte do Brasil. Os rios, no olhar dos viajantes de origem lusitana, reencontram nas nascentes na nossa paisagem e da nossa cultura, com a mesma fonte da cultura lusitana.

¹⁵ *Roteiro do Maranhão a Goiaz pela capitania do Piauhí.*, R.J., Revista IHGB, tomo 62. ano 1900 (p. 67)